



Entre percursos engarrafados - Cartografia do uso de telefonia móvel no transporte público de São Paulo e Frankfurt em apagões de mobilidade urbana¹

Elaine Souza Resende SKLORZ²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este projeto tem como objeto de pesquisa o desenvolvimento de uma cartografia sobre o uso de telefonia móvel em espaços públicos das cidades de São Paulo e Frankfurt, em situações de crise de mobilidade urbana. No recorte estão usuários de transporte público, como ônibus, trem e metrô de superfície, em deslocamento nas duas metrópoles durante períodos do dia eleitos como de pico de congestionamento, das 7h às 10h e das 17h às 20h³. Tal diagnóstico objetiva identificar como os indivíduos, de posse do telefone celular, utilizam o tempo envolvido nos deslocamentos e de como se dão as traduções locais desse fenômeno global de utilização *full time* de tais dispositivos.

PALAVRAS-CHAVE:

telefone celular; cartografia; crise de mobilidade; transporte público; espaço urbano.

INTRODUÇÃO

“Tem algo no meu bolso que não é uma coisa só, são várias. Parece com muitas outras, mas é diferente de tudo. Pode dizer milhões de palavras, mas não tem voz. Pode encontrar lugares que você nunca procurou, e fazer os outros sentirem o que emocionou você. Tem algo no meu bolso que não é uma coisa só, são várias”⁴

Esta pesquisa é pretenciosa sob vários aspectos, o primeiro e mais evidente é por trabalhar com um texto movediço, desses que carecem de recorrentes atualizações frente

¹ Trabalho apresentado no **DT 05 – Comunicação Multimídia** na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011 ou **DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania**

² Elaine Souza Resende Sklorz é doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC SP com bolsa integral do CNPq. E-mail: elaineresende@terra.com.br

³ Esse intervalo dado como de pico de congestionamento serve, única e exclusivamente, à cidade de São Paulo e foi estabelecido pela Companhia Estadual de Trânsito (CET) em 1997.

⁴ Transcrição de texto da campanha publicitária do aparelho de telefone celular Nokia (N95) veiculada no ano de 2008. Pode ser visto em: <http://br.youtube.com/watch?v=KrYKmXCraFs> < último acesso em 15/02/11 >.



ao imperioso risco de caduquice precoce. Um segundo, e vamos parando por aqui, é por acalorar o debate ainda incipiente de uso irrestrito de telefone celular⁵ em ambientes públicos em crise de mobilidade urbana, como os transportes públicos, de significativos aglomerados urbanos e humanos. Nas bases de pesquisa consultadas, quer sejam textos publicados na internet, banco de teses e dissertações ou livros consagrados na área de tecnologias móveis, muito se fala sobre mídias locativas, *net arte*, novas mídias e sobre telefonia móvel, mas pouco se diz, de uma forma crítica e não hegemônica, sobre essa “antropologia da mobilidade”⁶, sobre as relações, lugares e usos viciantes de uma mídia móvel atual, de larga utilização, que há pouco adentrou na maioria⁷.

Como potencializador de todo um quadro já favorável à expansão do uso de tecnologias móveis acresceu-se à cena o frenesi das redes sociais e de suas postagens indiscriminadas e ininterruptas a partir de celulares e *devices*⁸ com *modens* portáteis⁹. Twitter, Orkut, MSN, Facebook são alimentados na mobilidade, em trânsito, e isso se faz sentir com a ampliação de acesso à internet via conexão 3G¹⁰. Dentre as justificativas para tanta recorrência a um dispositivo está a de que o celular é fundamental, quer seja no campo profissional ou no desenrolar das relações afetivas, o que justificaria a aquisição de mais de um aparelho, com um ou mais chips; a customização dele, com pedrarias, do tipo Swarovski, adesivos, capas e *cases*¹¹; e o frequente descarte ou troca do dispositivo. Desconectar-se do celular por alguma contingência, provoca, conforme depoimentos, até mesmo desconforto físico a seu usuário.

A cada dia, ao aparelho importa cada vez mais o acesso a serviços e conteúdos, que tão somente os atributos originais relacionados ao design, câmeras e *hardwares*. Passaram a figurar como definidores da compra do aparelho a condição de acesso a redes sociais (Facebook, Twitter, Orkut); a transmissão *on line* de músicas (Spotify,

⁵ Inicialmente a pesquisa se ocupou de cartografar todas as tecnologias móveis utilizadas em transportes públicos coletivos da cidade de São Paulo, durante o horário de pico, para só depois fazer a opção por trabalhar com a telefonia celular, em razão desta ser a tecnologia móvel mais utilizada nos trajetos.

⁶ Termo cunhado em primeiro momento por Marc Augé (2010).

⁷ Em todo o mundo, o uso civil e portátil do celular, da forma como hoje o conhecemos, remonta à década de 90.

⁸ O termo *device* irá aparecer outras vezes como sinônimo de dispositivo, aparelho ou suporte.

⁹ Na prática, redes sociais como Twitter que prescindem de alimentação *full time* e, portanto, de rede com conexão à internet, são acionadas por público distinto de outras com o Orkut, Myspace e Facebook que podem ser acionadas via desktop de *lan houses*, do trabalho, de amigos ou de casa.

¹⁰ As redes 3G permitem telefonia móvel de longo alcance e evoluíram para incorporar redes de acesso à internet em alta velocidade e vídeo-telefonia. Permitem a seus usuários uma ampla gama dos mais avançados serviços, já que possuem uma capacidade de rede maior por causa de uma melhora na eficiência espectral. Entre os serviços, há a telefonia por voz e a transmissão de dados a longas distâncias, tudo em um ambiente móvel e com menor gasto de bateria.

¹¹ *Case*, aqui, é sinônimo de porta-celulares.



GrooveShark ou Last.fm); o *upload* de fotos (Twitter, Flickr, Instagram¹²); e o acesso a contas de *e-mail* e pagamento de contas.

Diante desse cenário, é senso comum na literatura atual sobre tecnologias móveis teses que sugerem que nossos corpos estão submissos de tal forma às novas tecnologias móveis, que em vez delas nos servirem estaríamos nós a serviço delas. Esta discussão, tão relevante, recorrente em todo o texto, reaparece também quando se analisa depoimentos de usuários que postam em seus perfis de redes sociais o aceite a mensagens de texto via celular mesmo se estiverem dormindo.

Tommi Ahonen¹³, consultor internacional especializado em convergência digital e telecomunicações móveis, é um desses entusiastas da tecnologia que vê o celular como ‘extensão humana’. Em sua teoria dos 8 Cs do celular, Ahonen diz, dentre outras coisas, que não foi apenas o celular como ferramenta de comunicação que mudou nos últimos anos, mas sobretudo o que se transformou neste percurso foram as formas de comunicação. A chamada de voz deixou de ser o fim primeiro e exclusivo do dispositivo móvel e sua aproximação passou a se dar pela troca de mensagens de texto SMS. Informações que em nível Brasil poderão ser confrontadas no texto integral da tese, ainda indisponível, a partir da análise dos dados coletados em campo como fragmento relevante desta investigação.

Seria o celular, como muitos teóricos defendem, uma prótese do corpo que, por estar nessa condição, tem livre acesso para a transgressão mesmo quando seu porte não é tolerado, a exemplo de cinemas, reuniões de trabalho, concursos públicos, provas, espetáculos, cerimônias e transportes públicos¹⁴. Em razão das indiscrições que provoca já passou a figurar em manuais de etiqueta e de estilo, como hábito a ser domesticado.

No grupo dos que sustentam este ‘acoplamento’, essa condição de ‘corpo-máquina’, resvalamos em Macluhan¹⁵, ao ser revisitado por Erthal (2007):

¹² Aplicativo de compartilhamento de fotos via celular, que permite a edição delas, muito utilizado por usuários do Iphone 4. Criado em outubro de 2010. A grafia correta é Instagr.am

¹³ Tommi Ahonen é autor dos livros *Mobile as the 7th of the Mass Media* e *Communities Dominate Brands* (Editora Futuretext) ministra cursos rápidos sobre alta tecnologia na Oxford University, do Reino Unido, e elaborou o que chama de teoria dos “8Cs do Celular” (comunicação – consumo – conta bancária e crédito – comerciais – criação – comunidade – cool – controle). Disponível: <http://www.tomiahonen.com/>. Acesso a partir de 7 de agosto de 2010.

¹⁴ Em São Paulo, a Lei Municipal 6.681 de 1965 proíbe aparelhos sonoros em transportes públicos. Todos os ônibus em operação circulação com texto da lei afixado, mas não há registros de pessoas autuadas com base nesta legislação. Um projeto de lei que tramita na Câmara Municipal de São Paulo, aprovado em primeira votação, pretende regulamentar a multa de até R\$ 1mil para aparelhos portáteis com som acima de 45 decibéis, o equivalente ao barulho de um ar-condicionado, incluindo-se aí o som produzido por celulares em vagões do metrô e de ônibus e por carros com potentes alto-falantes.

¹⁵ Numa referência ao clássico de Marshal Macluhan: *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1979.



Por suas características de portabilidade, mobilidade e ubiquidade, os novos aparatos tecnológicos passaram a desempenhar o papel de meios de comunicação. Acoplados ao corpo tornaram-se extensões do homem, ampliando as percepções e o poder de ação dele. Destaca-se nesse processo o aparelho de telefone celular que conferiu ao homem poderes de conectividade total em tempo real independentemente de sua localização física: o tempo requerido para sua operação é a instantaneidade. (ERTHAL, 2007: 1-8)

Problematizando a afirmação de Erthal, Pinheiro (2010)¹⁶ defende que o corpo não altera seus movimentos e percepções com o uso do telefone celular ou de quaisquer outros dispositivos, mas incorpora em seu fazer novas formas. E que essas incorporações não podem ser sustentadas como nocivas, transgressoras ou algo que o equivalha. Elas constituem um novo fazer que, por si só, inaugura um outro momento, nem pior, nem melhor, apenas outro.

Wolton (2010: 20) também discorda dos teóricos que entendem estar em curso uma ciborguização e obsolescência do ser humano, mediante tecnologias como o celular, que alterariam o corpo humano, criando novas linguagens (FLUSSER, 1979; SANTAELLA, 2003 E 2004; LEMOS, 1999, 2001 e 2004; BEIGUELMAN, 2003). Em seu entendimento, o que essa corrente faz, com raras exceções, é insistir na “performance das tecnologias como progresso da comunicação numa espécie de continuidade que favorece o setor industrial” contra a dimensão antropológica da comunicação.

Para Beiguelman (2003), o corpo humano é uma extensão do mundo híbrido pautado pela “interconexão de redes e sistemas *on* e *off line*”, no qual o padrão de vida tornou-se nômade por meio das tecnologias sem-fio. Esse corpo acaba se transformando em uma “interface entre o real e o virtual, nos direcionando para um processo de ‘ciborguização’ irreversível sem que isso denote que nos tornaremos equipamentos de carne obsoletos”.

Lévy (1999: 26) também usa o termo irreversibilidade ao tratar da relação entre as tecnologias e a sociedade, ou a cultura.

Uma técnica não é nem boa, nem má (...), tampouco neutra (...). Não se trata de avaliar seus “impactos”, mas de situar a irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela. (LEVY, 1999: 26).

¹⁶ Em reunião de orientação em 23 de novembro de 2010.



Body artista e performer, Davanzo¹⁷ enxerga em todas as relações que o corpo tem, “algum tipo de marca, cicatriz”. Para ela, “o corpo fica, em diferentes intensidades, modificado por essas relações. Ele ganha um novo design, novas funções, novos espaços... O corpo muda”.

A diferença do antes e do agora tecnológico está também na configuração do receptor que de homogêneo passou a heterogêneo e reticente, em meio a dispositivos quase perfeitos e a mensagens cada vez mais numerosas.

Conceitos de tempo x espaço, de percepção do lugar x não-lugar, privado x público; individual x coletivo também se alteram com as conexões pervasivas e ubíquas que dispomos.

Argumentos defendidos, saltemos para outras abordagens que carecem ser feitas nesse momento.

MOBILIDADE EM CURSO

Apagão de mobilidade é uma terminologia expandida neste trabalho e que a cada dia torna-se mais presente nos estudos e discussões sobre mobilidade urbana. Tem-se por apagão de mobilidade a condição de engarrafamento total, de *stop and go*¹⁸, que domina a cena diária de pelo menos cinco capitais brasileiras¹⁹, durante dois períodos do dia em particular, das 7h às 10h e das 17h às 20h, e de dezenas de outras metrópoles mundiais, a exemplo de Cidade do México, Nova Iorque, Londres, Caracas, Buenos Aires, Cairo, Hong Kong, Tóquio, Atenas.

Esses engarrafamentos, em se mantendo os desajustes entre transporte público ineficiente, ausência de políticas sólidas de planejamento urbano e crescente frota de veículos²⁰ nas vias, tendem a se estender por todo o dia, a exemplo do que já ocorre na cidade do México onde não mais existe pico de tráfego e sim engarrafamentos permanentes, conforme sustenta pesquisa da Fundação Dom Cabral de Minas Gerais²¹. Segundo o levantamento, a partir de 2012, os picos de congestionamento da capital paulista devem acabar formando um congestionamento contínuo. Ainda que não pare, o

¹⁷ Priscilla Davanzo é uma pesquisadora e body artista, que vive em São Paulo (SP), reconhecida por suas tatuagens com manchas de vaca espalhadas ao longo do corpo como parte de um de seus projetos: *As Vacas Comem Duas Vezes a Mesma Comida*.

¹⁸ Expressão muito comum no meio de transporte que designa em português o “para e anda” intermitente no horário de pico.

¹⁹ São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS) e Fortaleza (CE).

²⁰ A referência aqui é para carros de passeio, em especial, que em São Paulo funcionam como veículos de transporte individual.

²¹ Pesquisa veiculada pela Agência Estado – em 19 de maio de 2008.



trânsito de São Paulo nunca será fluído. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)²² mostra que, no final da década de 90, as dez maiores cidades brasileiras perdiam anualmente cerca de 240 milhões de horas de trabalho produtivo nos congestionamentos urbanos.

A escolha de São Paulo como *corpus* de pesquisa não foi por acaso. A cidade, fundada em 1554, é certamente no Brasil uma grande representação do que venha a ser o país em todas as suas singularidades e dimensões. Centro barroco, São Paulo é *over* em vários sentidos. É a sexta maior cidade²³ do planeta e sua região metropolitana, com 19.889.559 habitantes²⁴, é a sexta maior aglomeração urbana do mundo. Principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América Latina, é a maior cidade do Brasil, da América do Sul e do Hemisfério Sul. Numa bricolagem possível, São Paulo aglutina inúmeras origens, do Brasil mestiço composto por gente de todas as regiões, a outros Brasis que se orgulham de serem produtos de ascendências plurais, quer sejam africanas, européias, asiáticas, árabes. E nesse amontado de redes, a cidade flui e se esgueira por buzinas, viadutos, pontes, vias expressas e marginais, corredores de ônibus, túneis de metrô e trilhos de trem para dar destino a toda essa massa de gente que se recolhe e se rerepresenta diuturnamente nela ou em uma das 38 cidades satélite que a rodeiam.

Exposto o porquê da escolha por São Paulo e o que seria “apagação de mobilidade”, nos ocuparemos agora de outras particularidades da investigação.

Os usos prováveis de uma mídia portátil podem identificar quem dela se serve? E a condição social do usuário é extravasada por meio de seus hábitos de uso dessas mesmas tecnologias? Em se confirmando qualquer uma dessas indagações, é possível pensar numa cartografia do uso das mídias móveis por usuários de transporte público na maior metrópole brasileira, agregando ao levantamento a condição desses usuários estarem numa situação de ‘imobilidade’, que é a vivenciada por quem trafega durante os dois períodos do dia em que São Paulo pára?²⁵.

²² Ler <http://desafios2.ipea.gov.br/sites/000/17/edicoes/53/pdfs/rd53not02.pdf>, acessado em 7 de março de 2010.

²³ Isoladamente, São Paulo tem 10.659.386 habitantes, segundo dados do Censo do IBGE 2010, divulgado em 4 de novembro de 2010.

²⁴ Dado expresso pela Emplasa (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano SA) e pelo Wikipedia, a partir da somatória de habitantes da cidade de São Paulo e das 38 cidades que compõem a região metropolitana de São Paulo. Ver: <http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/infometropolitana/rmsp/rmsp.asp>.

²⁵ Referência aos dois horários de pico de São Paulo, compreendidos das 7h às 10h e das 17h às 20h, assim delimitadas pela Companhia de Engenharia de Trânsito (CET) da capital paulista. Conferir em: <http://www.cetsp.com.br/internew/informativo/pico/pico.asp>.



Esses e tantos outros questionamentos se entrecruzam ao longo desse denso²⁶ texto. Alguns deles se respondem, outros permanecem no limbo das inquietações, na expectativa de pesquisas outras que venham a se ocupar de tais percursos narrativos.

Para desenvolver a parte empírica da investigação, foram realizadas entrevistas durante os seis primeiros meses de 2010, retratando as movimentações gerais desses usuários em transportes públicos coletivos (ônibus, metrô e trem). Os entrevistados foram selecionados por procedimento de sorteio aleatório, em plataformas de embarque de metrô, ônibus ou terminais integrados e responderam a 29 perguntas com questões objetivas que consumiam em média 7 minutos. As entrevistas foram executadas em dois turnos, a saber: pela manhã, entre às 7h e 10h, e no final da tarde e início da noite, das 17h às 20h.

A coleta do material foi realizada em dias típicos, não-feriados, duas vezes por semana, a fim de se obter, por média percentual, descrições qualitativas.

PERCURSOS RASTREÁVEIS

O sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus e norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. Os mesmos termos como “classe social” ou “dialética histórica” não têm o mesmo significado, não recobrem as mesmas realidades concretas. Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração; noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. (BASTIDE, 1959: 55).

Dentre as observações primárias resultantes, em grande parte, das sondagens em trânsito dos usuários e, em segundo plano, da tabulação dos dados colhidos nesses questionários/entrevistas está o curioso fato de que situações privadas, em ambientes em crise, sucumbem ao jugo do público.

Em meio às espantosas marcas forjadas pelas tecnologias móveis também está a de ter derrubado inibições e se introjetado de tal forma na vida das pessoas que sem elas parece não mais existir vida possível ou inteligente na Terra. Independente do lugar ou

²⁶ No caso, a referência é feita em relação ao texto integral da tese.



situação, telefones²⁷ celulares, *Ipods*, gerações de tocadores de música (MP3 a MP12), *notebooks*, *smartphones*, *pen drives* e outras tecnologias móveis são sacadas a todo tempo, derrubando convenções, regras de convivência e de respeito ao espaço público.

Ambientes coletivos como os de transporte público são profícuos em tecnologias móveis e em usuários desinibidos. Ainda que isso represente exposição pessoal e de assuntos particulares, é muito comum – exemplificando o uso do aparelho celular -, diálogos íntimos ou profissionais em ônibus e metrô apinhados de gente. Se existem barreiras entre público e privado, nestes ambientes elas são ignoradas, desconsideradas.

Cônsolo entende que a interpenetração de público e privado acontece por que aqui, no Brasil, a oralidade, no exercício de mídias móveis, não reconhece nos espaços físicos limitações para a sua livre dilatação.

Além de haver hibridização entre espaço real e virtual, o mesmo ocorre com o espaço público e o privado. No Brasil, apesar do celular ainda ter como principal função transmissão de voz, percebe-se que as pessoas não se preocupam em expor problemas particulares em espaços públicos, tais como: ônibus, nas ruas, nos corredores, ou seja, esses espaços estão em constante hibridização com as mídias móveis. (Cônsolo, 2008:44)

A voz, em toda a sua imaterialidade, se agiganta, e ao lado de outros ruídos, prepondera nos espaços urbanos e em meio às multidões dos grandes centros. Cada vez mais abarrotados de indivíduos provenientes de toda a parte, esses ambientes replicam mensagens e signos, de pessoas e automóveis, de ações e reações inéditas no espaço da cidade. Juntando-se a tudo isso, há de se considerar que as condições tecnológicas nessa nova organização urbana passaram a exigir também uma automação física dos reflexos humanos.

BRASIL POTÊNCIA MÓVEL

Estimativas de adoção dos dispositivos de comunicação sem fio indicam que em pouco mais de duas décadas de implementação, os celulares ativos no planeta superaram a casa dos 5, 1 bilhões de linhas²⁸, ou seja, um alcance de mais de 70%²⁹ da população mundial, que atualmente beira os estratosféricos 7 bilhões de habitantes³⁰.

²⁷ A palavra telefone foi usada pela primeira vez em 1796, relacionada somente a um método acústico. Mais adiante, Alexander Graham Bell patenteou seu invento, próximo ao ano de 1876.

²⁸ Fonte: UIT, Wireless Intelligence e GSA/Informa. Dado atualizado em 03 de fevereiro de 2011. Disponível em: www.teleco.com.br.



Nas projeções, o Brasil aparece como o quinto maior mercado mundial de celulares, atrás apenas da China, EUA, Índia e Rússia, e à frente do Japão - precursor na adoção da tecnologia -, com 207,5 milhões de celulares em uso³¹. Com esse índice, o número de linhas no país passa a superar o de habitantes, que segundo o Censo 2010 é de 192 milhões. A teledensidade, que é a relação do número de celulares habilitados por habitantes, está atualmente em 106,91 aparelhos para cada 100 habitantes, um percentual flutuante que carece de contínuas atualizações. Há que se alertar que, embora haja atualmente 202,9 linhas ativas de celulares no país, isso não significa que todo brasileiro possui uma linha ou um aparelho de telefone celular³². Contrariando projeções da consultoria Teleco³³, o IBGE apontou em levantamento realizado em 2008, que apenas 53,8%³⁴ da população brasileira possuía celular para uso pessoal, contra os 79,2% sugeridos pela consultoria, baseados na correspondência simples e direta de 150.641 linhas por 189 milhões de habitantes da época. Do total de acessos³⁵, e esse é um dado relevante para nossa pesquisa, 82,23% correspondem a telefones pré-pagos e 17,77% a pós-pagos.

Com a convergência digital, inúmeras outras relações devem ser pontuadas. As funcionalidades de um aparelho celular transcendem as funções originais para as quais foi criado. Mais que transmissão de voz, o suporte atua como rádio, tocador digital, câmera fotográfica, filmadora, plataforma de internet e de formas outras não previstas,

²⁹ Esse dado deve ser relativizado, uma vez que se trata de uma média que ignora, por exemplo, os mais de 1,6 bilhão de miseráveis no mundo (fonte: Pnud - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, divulgado em 1º de fevereiro de 2011) que sobrevivem com menos de US\$ 1 por dia, aos quais, portanto, telefonia e tecnologias de ponta são temas completamente fora de pauta.

³⁰ Conferir dado em tempo real no site *World O Meters* disponível em: <http://www.worldometers.info/>. Acesso em 15 de novembro de 2010.

³¹ Dados divulgados pela Anatel indicam que o Brasil terminou o mês de fevereiro de 2011 com 207,5 milhões de celulares e uma densidade de 106,91cel/100 habitantes. Disponível em: www.teleco.com.br

³² Também fora das estimativas está o município de Barcelona, no Rio Grande do Norte, no qual vários moradores têm o aparelho celular, mas por falta de sinal de celular, o utilizam para funções secundárias como tocador digital, videogame portátil, câmera fotográfica e despertador. Disponível: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1262747-6174,00-EM+MUNICIPIOS+SEM+SINAL+DE+CELULAR+APARELHO+VIRA+LAZER.html>. Acesso: 03 de fevereiro de 2011.

³³ Teleco é uma consultoria colaborativa na internet que atua diretamente sobre o tema Telecomunicação no Brasil e no mundo. Está sediada em São José dos Campos (SP) e existe desde 2002.

³⁴ A pesquisa foi realizada com pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, por Grandes Regiões, segundo o sexo e os grupos de idade - 2008. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

³⁵ Dados da Anatel divulgados em todas as redes de comunicação do país, inclusive pela agência estatal de notícias, a Agência Brasil, em 12 de outubro de 2010. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/home:jsessionid=4E9ECF8CDBFEBBCA463E6AFA40DAE5FB?p_p_id=56&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-3&p_p_col_pos=4&p_p_col_count=5&_56_groupId=19523&_56_articleId=1085366. Acesso em 15 de novembro de 2010.



como acessório permanente de mão ou de ouvido (vide fone com tecnologia *bluetooth*), mesmo quando não há ligações em curso.

O celular também é parte de outros contextos. Como por exemplo, os relacionados à televisão. O primeiro, quando a tevê atua como um *call-to-action*, ou chamada/convocação à ação, para o celular, seja para habilitá-lo a participar de promoções, incentivar *downloads* ou votar via SMS³⁶ em *realities show*. O segundo acontece quando o celular pauta a televisão e serve de termômetro da audiência. Com o advento do Twitter³⁷ e o sua larga utilização via celular isso tem se mostrado cada vez mais comum. Por *tweets*³⁸ ou *retweets*³⁹ pessoas de todo o mundo, em rede, opinam incessantemente sobre tudo, inclusive com a exposição do privado, e transformam essas ‘ondas’ de debate potencialmente inócuas em factóides⁴⁰ que retroalimentam a própria rede social e muitas vezes outros veículos de comunicação.

Essa interação satisfatória do usuário atual de celular que emite SMS/MMS⁴¹ com a televisão e outras mídias levou tempo para ser consolidada. Para tanto houve e ainda há uma catequização do uso da ferramenta desde que o celular se popularizou no país, há 20 anos, quer seja pelos programas de tevê, a exemplo dos *realities* e sorteios, quer pelas próprias operadoras por meio dos sucessivos e ininterruptos *Quizzes*⁴² com premiações em bônus de ligação ou em espécie.

A quem sustente que, atualmente, não apenas adotamos ou não o celular, mas nos casamos com ele. Movida por essa máxima, a Pesquisa Especial Conectividade⁴³ realizada em 2009, pelo Ibope, na região metropolitana de São Paulo, apontou que no Brasil essa mídia só perde para a televisão em grau de prioridade diária.

Gráfico 6 – Telefone celular é o segundo item mais importante na rotina do brasileiro

³⁶ O SMS é um serviço disponível em telefones celulares que permite o envio de mensagens curtas (até 255 caracteres em GSM e 160 em CDMA) entre estes equipamentos e entre outros dispositivos de mão como palm e handheld, e até entre telefones fixos (linha-fixa).

³⁷ Twitter é a rede social e servidor para *microbloggings* que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres).

³⁸ Tweets são textos de até 140 caracteres postados na rede social Twitter.

³⁹ Retweet é uma função do Twitter que consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito a seu autor original.

⁴⁰ Factóides aqui sugere o processo com intenção de fabricar fatos e notícias.

⁴¹ O MMS é uma evolução dos SMS que implica a evolução da rede celular tradicional (GSM) para UMTS.

Com o MMS, os usuários enviam e recebem mensagens não mais limitadas aos 160 caracteres do SMS, bem como podem incrementá-las com recursos audiovisuais, como imagens, sons e gráficos.

⁴² Jogo de perguntas e respostas, desenvolvido como atividade principal ou não dentro de uma campanha promocional.

⁴³ Dados extraídos de ferramentas do Ibope como Target Group Index, Pesquisa Especial Conectividade, NetRatings Ibope Nielsen On-line em 24 a 28 de agosto de 2009.



Fonte: Pesquisa Conectividade - Ibope Mídia 2009
acesso: 03/02/11 - disponível em:
<http://www.ibope.com/conectmidia/estudo/index.html>

Se o aparelho celular é tão imprescindível na rotina de inúmeras famílias brasileiras, é por que seu uso está cada vez mais capilar nessas mesmas famílias. Assim sendo, na estrutura familiar atual, além dos pais, os filhos e agregados também dispõem de seu próprio aparelho. Ao contrário do que ocorre com a telefonia fixa e com a televisão, em que a posse do aparelho é distribuída em cômodos e por estratégia, merecimento ou grau de importância do membro no núcleo familiar, o aparelho celular transgride valores. A posse dele é geral e irrestrita, desde que, é claro, se observe a exigência legal de vinculação de um CPF à linha.

A reação da sociedade parece positiva. A difusão no mundo da comunicação móvel, *wireless*, é mais rápida do que qualquer outra tecnologia de comunicação registrada historicamente.

Em 20 anos⁴⁴, desde que aportou no Brasil, o celular se revestiu de um desmesurado leque de atribuições. Para compreender seu atual uso e poder de sedução, é necessário entender a essência dessa transformação.

⁴⁴ Comercialmente, o celular chegou às prateleiras em 1993, mas o primeiro celular lançado no Brasil foi pela TELERJ, na cidade do Rio de Janeiro em 1990, seguida da cidade de Salvador. Informação consagrada. Replicada também na Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Telefone_celular. Acesso em 15 de novembro de 2010.



O uso brasileiro do telefone celular em transportes coletivos é, de certa forma, proliferado nas bordas⁴⁵ das culturas, e é muito peculiar. Por aqui, os usuários de telefone o utilizam menos em sua função instrumental e mais até como mídia.

Na pesquisa de campo que compõe este estudo, houve depoimentos de que o aparelho de telefone mais cobiçado seria o com tevê digital, de forma que durante os longos deslocamentos em horário de pico o usuário pudesse assistir a seus programas preferidos e não apenas ouvir música ou fazer uso de quaisquer que sejam outras funcionalidades. Em momento algum, o argumento por um aparelho com mais recursos se baseia na melhoria da qualidade do serviço de ligação telefônica, funcionalidade primeira para um aparelho de telefone celular.

Em viagem a outros países, a exemplo da Alemanha, é observável que o uso de tecnologias móveis como o celular durante percursos e deslocamentos, em veículos em movimento, é adverso do ocorrido no Brasil. Em veículos coletivos públicos alemães não é comum se ouvir ou ver passageiros executando confidências ao telefone celular durante uma viagem.

Introduzimos também o debate sobre movimento urbano externo, mas não temos a pretensão de aproximação com teorias urbanistas ou da geografia urbana. Nossa proposta é observar a coordenação das práticas comunicacionais dentro da movimentação da urbanidade e da mobilidade urbana. Na pesquisa, aliamos anseios pessoais de um flunar pela cidade a problematizações sobre a comunicação urbana, em seus aspectos fluidos e mestiços.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, R. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1959
- BEIGUELMAN, G. *Está chegando a cultura cíbrida*. Trópico. 22 maio 2003.
Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1634,1.shl>. Acesso em: 05/03/08.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v.1.
- CÔNSOLO, A. T. G. *Mobile learning: o aprendizado no século XXI*. Tecnologias da inteligência e design digital. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

⁴⁵ O conceito de “cultura das bordas”, de Pires Ferreira (1990: 169), enfatiza uma produção “que não está no centro, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e a daqueles que detêm maior atualização e prestígio, uma produção que se dirige, por exemplo, a públicos populares de vários tipos, inclusive àqueles das periferias urbanas”.



- DAVANZO, Priscilla. *Corpo e tecnologia: uma abordagem da relação corpo-máquina a partir dos filmes Matrix, Metrópolis e Tempos Modernos* [s/d.]. Disponível em: http://www.cinequanon.art.br/ensaios_detalhe.php?id=14. Acessado em: 12 de setembro de 2010.
- ERTHAL, Ana Amélia. *O telefone celular como produtor de novas sensorialidades e técnicas corporais*. Revista Contemporânea. N. 8. 2007.1
- FLUSSER, Vilém. *Natural: mente. Vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- LEMO, A. *Cidade Ciborgue*. in Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura., n. 8, PUC-SP, São Paulo, EDUC:Brasília, 2004.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias têm um impacto?* In: Cibercultura. [trad.: Carlos Irineu da Costa] São Paulo: Ed. 34, 1999. p.21 – 30.
- MACLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1979.
- PELLANDA, E. *Internet móvel: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade da comunicação*. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUC RS, Porto Alegre.
- PINHEIRO, Amálio (org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- PIRES FERREIRA, J. *Heterônimos e Cultura das Bordas: Rubens Lucchetti*. In: *Revista USP*, no. 4, dez 89-fev 90, p. 169-174.
- SANTAELLA, L. *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010.

Webgrafia:

<http://www.tomiahonen.com/> - acessos a partir de 7 de agosto de 2010